

Relatoria - Projeto Pensar a Bahia – Rodada de Discussão 02

Data: 11/05/2022

Convidado: Renato Coelho Baumann das Neves – Possui graduação em Economia pela Universidade de Brasília (1972), mestrado em Economia pela Universidade de Brasília (1976) e doutorado em Economia – University of Oxford (Reino Unido, 1982). Foi diretor do Escritório da Cepal no Brasil entre abril de 1995 e novembro de 2010. Atualmente é professor de tempo parcial da Universidade de Brasília. Tem experiência na área de Economia, com ênfase em Relações do Comércio; Política Comercial e Integração Econômica.

Mediador: Edgard Porto

Tema: Cadeias Globais de Valor e Inserção da Bahia

Questões Levantadas

Vantagens e Peculiaridades sobre o tema:

Prof. Renato Baumann: Quais são as vantagens da das cadeias de valor? Permite diversificar as exportações, absorver ganho de escala, estimula a entrada de capital, aumenta o emprego nos setores produtivos que participam das cadeias, tende a elevar o salário médio da economia porque, em geral, são produtos mais sofisticados com mão de obra mais qualificada. Com esses fatores, o país, ao exportar esses produtos mais elaborados, pode se beneficiar com a melhora das relações de troca. Algumas peculiaridades: nem todos os países que participam de uma cadeia de valor tem um ganho ou possuem o mesmo volume de ganho. O objetivo maior é estar posicionado nas áreas de geração do design, da concepção do produto ou da comercialização, ou a propriedade da marca. Uma outra característica se refere ao que o Banco Mundial expressa em produtos “intensivos em contratos”, isso significa dizer que as empresas que participam das cadeias de valor têm que aprender a se relacionar com outras empresas de outros países que muito provavelmente tem uma lógica distinta. O que mantém uma cadeia de valor em operação é a expectativa de que todas as empresas envolvidas irão cumprir os contratos firmados.

Participação do Brasil nas cadeias globais de valor:

Prof. Renato Baumann: No que se refere às barreiras de importação, o Brasil pratica taxas consideradas elevadas comparando com países concorrentes. Quando se reflete sobre os dados de tarifa média aplicada, nos últimos 20 anos – 2000 a 2020, sobre os bens de produção (Produtos que não são de consumo final) nota-se tarifas brasileiras maiores em comparação com países de alta renda e países emergentes como o Brasil. Importante salientar que não houve movimentos significativos para mudança nesse cenário de altas tarifas. A economia brasileira pune igualmente a importação de bens de produção e a

dos demais produtos; mas a competitividade da produção nacional necessita tarifas menores sobre os bens de produção.

O Brasil participa pouco das cadeias globais de valor. Um ponto que embasa tal afirmação é a participação de itens importados nas exportações, isso é verificado no Percentual do valor agregado externo (% das exportações brasileiras), entre 2010 e 2018, por volta de 12 %. Desse modo, tal informação significa dizer que 88% do que o país exporta é produzido de forma interna. Por definição nenhuma economia é competitiva em todos os setores ao mesmo tempo, portanto 88 % é extremamente alto, nessa perspectiva é possível afirmar que o produtor brasileiro não consegue ter acesso a partes de peças componentes e equipamentos mais eficientes na fronteira tecnológica e com custos mais baixos. De forma a resumir, a economia brasileira é fechada nessa ótica das importações.

Encadeamento com outras economias:

Prof. Renato Baumann: ‘Efeito para trás’ (compras): Quanto mais elevada a participação de bens e serviços de outras economias na produção nacional, maior o impacto do crescimento da economia nacional sobre as demais. ‘Efeito para diante’ (vendas): utilização, por outras economias, dos produtos exportados pelo país. No âmbito da economia brasileira, que essencialmente fornece mais itens básicos para a produção externa, o ‘Efeito para diante’ tende a ser mais intenso do que o ‘efeito para trás’, portanto nós “ajudamos” outros países a crescerem.

Descrença em relação a globalização:

Prof. Renato Baumann: Há um debate dos últimos pouco anos, sobre a descrença relativo à globalização por conta do aumento do protecionismo e alguns acontecimentos políticos como a eleição de D. Trump nos EUA, com isso uma possível sensação de “desglobalização”. O argumento aqui é que há limites técnicos com relação ao processo dessa “desglobalização”. Um dos argumentos é sobre os processos produtivos mais eficazes que envolvem o emprego de componentes fabricados de forma mais eficiente em outros países. Outro ponto é que os tempos do progresso técnico são cada vez mais curtos, e a competitividade ocasiona em dispor desses componentes a curto prazo. Dessa forma, é pouco provável que se consiga substituir de modo eficiente boa parte das importações por produção interna já que há uma dependência de produtores externos como não se via antes.

Como ampliar a participação brasileira em cadeias (globais e regionais) de valor?

Prof. Renato Baumann: No Brasil, a geografia não nos ajuda muito... nós estamos muito distantes dos grandes polos como a Europa Ocidental, Ásia e América do Norte o que culmina no aumento numa sobrecarga relativo aos custos de transporte. Entretanto, há (ao menos) 3 possibilidades não excludentes: 1 – Fornecer insumos para cadeias de montagem de produtos na América do Norte ou na Europa Ocidental. 2 – Aproveitar as negociações de

acordos com outros países(Coreia, por exemplo), com duas opções: A primeira seria participar de processos produtivos junto com outro país, fornecendo insumos para montagem lá. A segunda poderia ser o aproveitamento da experiência de outro país, para a instalação de plantas produtivas aqui que adotem processos produtivos com a participação outras economias sul-americanas. 3 – Criar cadeias produtivas com as economias vizinhas, o que depende de vontade política nesse sentido, algo que até o presente momento não se observou. Dificuldades: barreiras comerciais, inadequação das regras de origem, problemas de infraestrutura, baixo grau de interação do Mercosul com as economias da costa do Pacífico e entre outros entraves.

Prof. Renato Baumann: Uma observação final que pode ser aproveitada numa escala regional é que experiências recentes no Ceará e Piauí com a formação de zonas de processamento de exportação podem ser extraídas para futuros potenciais, como por exemplo para a Bahia. Essas zonas de exportação é um espaço em que é criado estímulos etc., porem o projeto não é imediato não basta você somente aplicar isenções de tributos e impostos de importação, é necessário um conjunto de passos adicionais para que o processo comece a funcionar.

Perguntas do Público:

Chico Teixeira: Seria possível aprofundar as ideias acerca dos efeitos da pandemia sobre a cadeia de valor?

Prof. Renato Baumann: A pandemia pegou todo o mundo de surpresa, não só no aspecto sanitário, mas particularmente pela maneira como a China lidou com tal situação desde o início (*Lockdowns*). Isso teve um impacto múltiplo sobre os processos produtivos de um modo geral: Um ponto foi o fechamento das fábricas que inviabilizou o escoamento dos estoques já disponíveis. Um outro impacto foi sobre a estrutura de transportes, basicamente, transportes marítimos (alto volume de embarcações que circulam para atracar na China). O encadeamento produtivo com a China é muito mais intenso do que qualquer outro lugar (só comparado com a UE), portanto quando a locomotiva (China) para bruscamente, o efeito é devastador sobre o resto. Além disso, existe um outro problema que é Taiwan, que é o principal fornecedor dos microchips usados na indústria de informática, celulares etc.; e Taiwan é uma bomba relógio geopolítica de sempre, juntamente com a questão da invasão russa a Ucrânia, isso são estímulos a busca por correr atrás do prejuízo e criar plantas produtivas de componentes e microchips.

Luiz Mário: Duas ponderações: a primeira é a questão tarifária e a outra é justamente de nós termos esse complexo de querermos ser competitivos em tudo (isso é histórico). Essa visão política, no Brasil, que nós podemos produzir de tudo um pouco acaba nos gerando alguns problemas sérios. Nós deveríamos ter uma política industrial de caráter inovador e verificar as nossas potencialidades e capacidades. Eu não vejo nenhum candidato propor nenhuma política inovadora, aparentemente se pretendendo repetir os mesmos

erros do passado (como o fracasso retumbante na indústria naval). Como o senhor enxerga que o Brasil deve se colocar diante dessa realidade?

Prof. Renato Baumann: Vejo que sua pergunta é hoje daqui até outubro, provavelmente será replicada daqui até outubro. A política brasileira não é uma política partidária, é uma política personalista (sempre foi). A coisa mais próxima historicamente foi o PT (Partido dos Trabalhadores) porque foi algo criado da base, porém logo virou, também, personalista. A pré-campanha até aqui continua sendo personalista, não se vê nenhum programa/proposta concreta (com apenas algumas referências pontuais). Dito isso, nas experiências que tive no Ministério do Planejamento, o esforço que é para conseguir reduzir qualquer barreira a importação é um negócio hercúleo porque a economia política consolidada de proteção de barreira com relação á concorrência internacional é uma questão muito forte. O conflito Rússia-Ucrânia tende a intensificar um isolamento maior entre o Ocidente e Oriente (China e Rússia tendem a “usar” o BRICS nessa direção), temas novos no cenário internacional como a questão do acesso as reservas de divisas. Isso significa que a partir do momento em que se estabeleça a paz na Ucrânia, esse “novo” mundo possui condicionantes muito distantes das anteriores, com uma ênfase menor na questão das tarifas e muito mais com uma perspectiva de regulamentação interna de cada país (seja com relação a reforma tributária, a questões de comércio e serviços etc.). Desse modo a negociação se torna um pouco mais difícil já que haverá essa forte presença da legislação de cada país. O desenho de uma nova política industrial deve considerar essas novas variantes (digitalização, importância dos serviços, moedas digitais e entre outros fatores).

Urandi Paiva: É possível um estado periférico, fechado e com atividade produtiva intensiva em recursos naturais (Bahia) se conectar na parte mais intensiva em tecnologia da cadeia global, isso num horizonte de tempo de médio prazo? A alternativa seria se conectar as cadeias regionais de valor?

Prof. Renato Baumann: Faço a Referência a experiência do Ceará. O Ceará é um estado que merece um estudo comparativo: possui as contas públicas alinhadas, se sai muito bem nos indicadores educacionais, tem uma para-diplomacia (diplomacia a nível subnacional) extremamente ativa com a China, Macau e África. O Ceará, portanto, não atrai apenas investimentos como tem interações, não sei se diretamente qualificada como cadeia global de valor mas é próximo disso, ou seja, possui um lado internacional que vale a pena ser estudado. Do ponto de vista de localização geográfica, os estados do Nordeste estão distantes daqueles que seriam candidatos naturais a terem uma complementariedade produtiva e cadeias regionais de valor (tanto Mercosul quanto Aliança do Pacífico). Isso significa que o elevado custo de transporte representa um elemento importante. O fato do estado ser rico em recursos naturais não necessariamente elimina ou impede uma participação encadeada. Um dos pontos fundamentais para a inserção internacional é buscar uma criatividade para aproveitar da melhor forma possível os recursos dispostos, ou

seja, encontrar possíveis compradores “novos ricos” que se interessem pelos nossos produtos elaborados a partir dessa mecânica criativa e inovadora.

Edgard Porto: Você acha que seria possível tentar o diálogo com investidores chineses sobre a possibilidade de investimentos na Bahia/Nordeste, para que esses investimentos pudessem criar uma espécie de plataforma de produção para exportar para o resto do mundo, ou seja, é possível que exista alguma visão estratégica da China para olhar como oportunidades aqui no Nordeste?

Prof. Renato Baumann: Não tenho a menor dúvida a respeito, existe sim essa possibilidade e inclusive já está acontecendo. Exemplo: Os governadores do Estados da Região Centro-Oeste instauraram um grupo para relação de investimentos com os chineses, com, principalmente, a questão da soja envolvida. Existem alguns projetos com a China e voltados para exportação ao país asiático, tais projetos demonstram que há o interesse chinês em parcerias/negócios com o Brasil e seus respectivos estados. Um bom projeto se financia, a questão é fazer esse bom projeto, que é uma das carências que nós registramos aqui. É preciso identificar o mercado, as respectivas taxas de retorno e mais alguns outras variáveis para que esse projeto seja bem sucedido.

Prof. Renato Baumann: Na minha percepção, a Bahia possui um potencial muito grande, a grande questão é como aproveitar os recursos e as potencialidades existentes. Repito: acho válido o olhar quanto a experiência do Ceará conforme citei anteriormente. Importante não ter complexo de inferioridade, tem muito potencial e que deve ser usado no estado.